

SUBSTITUIÇÃO DE IMPORTAÇÕES NA AGRICULTURA BRASILEIRA: A PRODUÇÃO DE TRIGO NO RIO GRANDE DO SUL — UMA NOTA

PETER T. KNIGHT

A presente nota tem como objetivo salientar algumas mudanças na política brasileira de trigo nos anos 1968-71, período para o qual não apresentei muitos dados no meu artigo (publicado neste número desta *Revista*. Recentemente recebi dados e informações que me permitem estender a análise apresentada para os anos 1968-71.

As duas tendências mais marcadas durante êstes anos tem sido o aumento vertiginoso na produção do trigo nacional e uma redução progressiva no preço real ao produtor dêste cereal. Uma terceira tendência, relacionada às primeiras, é uma campanha oficial para aumentar a produtividade por hectare. Os dados para o estado de Rio Grande do Sul na tabela anexa evidenciam as três tendências.

Sôbre o aumento na produção as estatísticas não precisam de maiores comentários. O declínio no preço real ao produtor parece indicar uma mudança significativa na política do governo brasileiro no sentido de incentivar aumentos na produtividade por hectare e não só na área plantada. Minha estimativa do preço real ao produtor para a safra de 1971/72 indica que é o mais baixo desde 1958. Junto com a iniciação do Programa Acelerado do Trigo (um programa de pesquisa científica) notada no meu artigo e uma campanha do Banco do Brasil para vincular o crédito à triticultura ao uso de fertilizantes, sementes certificadas, e outras práticas recomendadas, o reduzido preço real pode ter o efeito de estimular a adoção de melhores práticas agrícolas e assim reduzir o custo da produção.

Convém notar, porém, que no ano 1970 ainda custou ao Brasil US\$ 2.24 em recursos domésticos para poupar um dólar em importações de trigo, comparado com \$ 2.20 em 1967 e \$ 2.43

ÁREA, PRODUÇÃO, RENDIMENTO, E PREÇO REAL AO PRODUTOR PARA
TRIGO NO RIO GRANDE DO SUL, 1968-71

Ano	Área (Hectares)	Produção (Toneladas Métricas)	Rendimento (kg/ha)	Preço Real Ao Produtor (NCr\$ de 1 Jan. de 1968/Tonelada)
1968	689.139	618.712	897	315
1969	1.044.731	1.090.108	1043	309
1970	1.500.00	1.500.000 ^(a)	1000 ^(a)	280
1971	1.800.00	1.800.000 ^(a)	1000 ^(a)	261 ^(b)

Nota Geral: Embora seja uma continuação da Tabela 1 de meu artigo (publicado neste número desta Revista), os dados de área e produção na presente tabela *não* foram ajustados na mesma maneira descrita na nota da Tabela 1.

- (a) Estimativas da Comissão Central de Levantamento e Fiscalização das Safras Triticolas (CCLEF).
- (b) Estimativa baseada no preço oficial de NCr\$ 546.67 por tonelada métrica supondo-se um aumento de 20 por cento nos índices de preços abaixo descritos entre 1 janeiro 1971 e 1 janeiro 1972.

Fontes: Área, produção e rendimento: CCLEF, *Anuário Estatístico do Trigo, Safra 69/70* (as estimativas para 1970 são bem acuradas, as de 1971 são mais precárias). Os preços reais são baseados nos preços das portarias oficiais para trigo a granel no interior. O deflator é um médio dos valores para dezembro e janeiro de dois índices de preços publicados em *Conjuntura Econômica* — o custo de vida em Pôrto Alegre (índice estadual N.º 1) e o índice geral de preços por atacado para disponibilidade interna (índice nacional N.º 12). O segundo está encadeado ao antigo índice de preços por atacado em 1968.

em 1968. O cálculo para 1970 foi feito na mesma maneira descrita no meu artigo, utilizando as estimativas do custo de produção da Federação das Cooperativas Triticolas do Sul (FECOTRIGO) publicado em julho de 1970 e dados sobre o custo de trigo importado em 1970 publicados pela CACEX do Banco do Brasil. Ainda não há suficiente informação para calcular o custo em recursos domésticos em 1971, mas deve ser abaixo de \$ 2.00, em parte por causa da redução no preço real ao produtor e em parte porque em 1971 os preços de trigo no mercado internacional parecem ter subido um pouco comparado com o baixo nível de \$ 64.99, o preço médio c.i.f. das importações brasileiras de trigo em 1970.

Na última instância os resultados do Programa Acelerado de Trigo determinarão se o Brasil pode melhorar significativamente os resultados positivos obtidos nos últimos quatro anos. Somente com a criação de variedades de trigo que dão maiores respostas a fertilizantes nitrogenados e mais resistentes às doenças prevalentes no Rio Grande do Sul será possível reduzir o custo do trigo brasileiro a um nível não muito além do custo de importações.